



A PEDAGOGIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONSTRUINDO NOVOS RUMOS

THE PEDAGOGY OF LINGUISTIC VARIATION: BUILDING NEW ROUTES

Simone Azevedo Floripi - Professora doutora do Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação (DALIC), em Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Curitiba, Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba Paraná, Brasil. E-mail: floripi@utfpr.edu.br

Polyana da Silva Queiroz - Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) em Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Curitiba, Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba Paraná, Brasil. E-mail: polyanaqueiroz@alunos.utfpr.edu.br

RESUMO

O presente artigo pretende apresentar as atuações do projeto de extensão intitulado como “Linguística em sociedade: a pedagogia da variação linguística como alicerce à educação de qualidade” (2022), promovido pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Nesse programa, acadêmicos do curso de Letras - Português puderam observar o fenômeno da variação linguística na prática docente. Com essa finalidade, uma parceria foi firmada com um colégio de metodologia construtivista em Curitiba, onde os universitários aplicaram sequências didáticas sobre sociolinguística a alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. Assim, tomamos como corpus de discussão as próprias oficinas desenvolvidas pelos estudantes da UTFPR. Cabe ressaltar, ainda, que partimos dos referenciais teóricos propostos por Antunes (2009), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2014), Coelho et al. (2015) e Faraco (2008, 2022), além do respaldo fornecido pela Base Nacional Comum Curricular (2018). Como resultado, demonstramos uma mescla entre pesquisa, ensino e extensão nas abordagens aplicadas, assim como desenvolvemos alternativas de trabalho com a pedagogia da variação linguística em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia da Variação Linguística. Variação Linguística. Ensino de Língua Portuguesa. Extensão Universitária.

ABSTRACT

This article aims to present the performances of the extension project entitled “Linguistics in Society: the pedagogy of linguistic variation as a foundation for quality education” (2022), promoted by the Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). In this program, students from the Language-Portuguese course were able to observe the phenomenon of linguistic variation in teaching practice. So, a partnership was established with a school of constructivist methodology in Curitiba, where the students applied didactic sequences based on sociolinguistics approach to 4th grade students. We choose as a corpus of research the workshops developed by the UTFPR

students themselves in order to discuss their choices of teaching objects and results. It is also worth noting that we draw on the theoretical frameworks proposed by Antunes (2009), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2014), Coelho et al. (2015), and Faraco (2008, 2022), in addition to the support provided by the Common National Curricular Base (2018). As a result, we demonstrate the combination between research, teaching, and extension in the applied approaches, as well as indicate alternatives for working with linguistic variation in the classroom.

KEYWORDS: Pedagogy of Linguistic Variation. Linguistic Variation. Portuguese Language Teaching. University Extension approach.

INTRODUÇÃO

A ideia pré-concebida da língua como estrutura pronta, não suscetível a mudanças, foi substituída pela noção de heterogeneidade. Dessa nova visão, surgiu o postulado da variação linguística, pelo qual compreendemos que os fatores sociais, históricos e culturais atuam sobre a linguagem. Para melhor explicitar esse entendimento, basta recorrermos à sociolinguística, cujos pensadores “não dissociavam o material da fala do produtor dessa fala, o falante — pelo contrário, consideravam relevante examinar as condições em que a fala era produzida” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 11).

Essa abordagem “nasceu preocupada com o desempenho escolar de crianças oriundas de grupos sociais ou étnicos de menor poder econômico e cultura predominantemente oral” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 158). A partir disso, buscou-se demonstrar que as variantes não-padrão existentes na língua se caracterizam como diferenças e não erros e que devem ser consideradas também no processo de aprendizagem e conhecimento linguístico dos falantes. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2014) expõe a necessidade de as escolas brasileiras reconhecerem os contextos em que os enunciados são produzidos, assim como as distinções entre as modalidades oral e escrita para que possamos acolher as diferentes variedades linguísticas existentes.

A importância dessa perspectiva se estende para os documentos oficiais, tratando-se de um assunto destacado pela Base Nacional Comum Curricular (2018). Nela, sinalizamos a ressignificação do estudo da língua, indicando como essenciais as “reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico” (BRASIL, 2018, p. 81). Salientamos, em conjunto a isso, o papel da educação na alteração de paradigmas enraizados:

É preciso (...) que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade lingüística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não-padrão (Bagno, 2007, p. 18).

Assim, este artigo visa abordar o caráter variável/múltiplo da Língua Portuguesa, especialmente no que se refere à aplicação de seu entendimento na atuação docente para que possamos alcançar um ensino mais eficaz, reflexivo e abrangente. Nesse contexto, destacamos que o presente estudo é resultado do projeto intitulado como “Linguística em sociedade: a pedagogia da variação linguística como alicerce à educação de qualidade” (2022) que, por sua vez, é caracterizado como uma mescla entre pesquisa, ensino e extensão.

A participação neste projeto, que está atrelado à disciplina de Prática de Ensino e Variação Linguística, garantiu que estudantes do curso de Letras, da Universidade Tecnológica Federal

do Paraná (UTFPR), elaborassem planejamentos e os aplicassem na Escola Projeto 21, um colégio particular de metodologia construtivista em Curitiba. Desta forma, tomamos como *corpus* de pesquisa as aulas desenvolvidas pelos acadêmicos, que foram realizadas com o 4º ano do Ensino Fundamental da instituição. Vale mencionar que os autores que fundamentam nossa perspectiva de sociolinguística são Antunes (2009), Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2014), Coelho *et al.* (2015) e Faraco (2008, 2022), como também recorreremos amplamente às propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Além desta introdução, três partes organizam este trabalho: a primeira com a metodologia, a fim de explicitar quais foram os procedimentos empregados; a segunda com a fundamentação, trazendo os principais aspectos considerados da sociolinguística educacional; e a terceira com a exposição das práticas elaboradas ao longo do projeto, tornando-se possível observar a aplicabilidade da variação linguística na esfera escolar.

METODOLOGIA

De antemão, a prática extensionista teve sua temática definida a partir da pedagogia da variação linguística/sociolinguística educacional (Bortoni-Ricardo 2005, 2011, 2014, 2021 e FARACO 2008, 2017, 2022, Zilles & Faraco, 2015). A leitura do material teórico somado ao interesse prévio pelas atividades docentes suscitou vários questionamentos acerca da prática de ensino dos conteúdos sociolinguísticos. Diante das questões, consideramos como objetivo a reflexão sobre a variação linguística e o ensino, oferecendo propostas de intervenções didáticas.

Desse modo, promovemos atividades na Escola Projeto 21, onde alunos de Licenciatura em Letras - Português produziram oficinas para o Ensino Fundamental. Mais especificamente, tratava-se de graduandos que cursavam a disciplina “Prática de ensino e variação linguística” com carga horária de 80 horas, ao longo do semestre, na qual tiveram acesso aos textos teóricos da área. Devido ao projeto de extensão existente, houve a possibilidade da disciplina também se debruçar sobre abordagens de ensino, colocando na prática conceitos teóricos, sob supervisão da professora responsável.

Cabe destacar que a proposição e aplicação dos trabalhos dos graduandos estavam atrelados às atuações extensionistas em vigência e não constituíam parte das disciplinas didáticas do curso de Letras, mas sim, teórica. O projeto já estava em curso com a participação de outros integrantes e contava com etapas anteriores de contatos e visitas da coordenadora à instituição parceira a fim de serem estabelecidas e adequadas ações de ensino junto às expectativas da coordenação pedagógica da escola. Buscou-se ajustar as limitações de tempo e espaços que a escola proporcionava às limitações de conhecimento e prática dos alunos de Letras para que fosse possível estabelecer uma parceria frutífera entre universidade e sociedade. Dotados de tal intenção, foram feitas várias discussões em sala de aula para que os universitários apontassem seus questionamentos e interesses sobre as técnicas de ensino e tipos de abordagem utilizadas na escola parceira.

Alçados de conhecimentos básicos na área de sociolinguística, realizamos uma excursão dos acadêmicos ao espaço de atuação na escola como uma das etapas que antecederam à realização das oficinas. Nessa ocasião, a diretora e também coordenadora pedagógica geral apresentou brevemente os princípios teórico-metodológicos construtivistas em que a instituição se baseia, como a proposta interacionista de ensino a partir de processos de experiência, análise e crítica acerca dos conteúdos a serem aprendidos/ensinados. Além disso, os universitários tiveram a oportunidade de conversar com alunos de algumas turmas de ensino fundamental do colégio. Nesses diálogos, questões sobre variação linguística foram direcionadas às crianças,

visando sondar o que conheciam sobre o tema e os assuntos que gostariam de descobrir ou que se interessassem.

Por se tratar de estudantes de escola particular de metodologia construtivista, que tem como base uma análise crítica e reflexiva de diversos assuntos, nesta sondagem inicial os graduandos tiveram uma percepção prévia de que alunos de séries iniciais já dominavam alguns conceitos e haviam sido expostos a questões de diversidade linguística por meio de materiais escritos e orais em seus estudos cotidianos. É importante destacar que os acadêmicos ficaram impressionados com a adequação vocabular dos alunos, domínios de conteúdo e demonstração de interesse pelo assunto. O que ajudou a pensarmos em temas/assuntos que fossem adequados a esse público em específico.

Ainda sobre os fins metodológicos, vale mencionar que os planejamentos foram baseados na proposta de Schneuwly e Dolz (2004), que propõem uma organização de ações por meio de sequências didáticas, baseadas no texto (seja ele escrito ou oral). A etapa de seleção e elaboração dos materiais a serem utilizados na prática de ensino estava atrelada à metodologia da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1992), pois objetivava fomentar a capacidade crítica e reflexiva do alunado para atuarem sobre seus conhecimentos e descobertas acerca dos temas propostos.

Desta forma, três grupos de discentes de Letras executaram suas práticas: o primeiro ministrou discussões sobre a influência dos contextos sociais sobre a língua; o segundo optou por tratar de assuntos relacionados à fonética e à fonologia, expondo as diferentes prosódias existentes no mundo e no Brasil; enquanto que o terceiro decidiu elaborar um jogo de tabuleiro, trazendo questionamentos sobre a pluralidade linguística. O propósito deste artigo, portanto, consiste em verificar maneiras de aliarmos a variação linguística com a educação. Cumprimos essa finalidade ao interpretarmos as aulas citadas acima com base na pedagogia da variação linguística, apresentando a aplicabilidade teórica na prática docente. A seguir, discutimos mais amplamente sobre os autores que envolvem as reflexões aqui explicitadas, assim como damos prosseguimento às observações das oficinas ofertadas pelos universitários ao longo do projeto de extensão.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho tem como respaldo a *teoria da mudança*, a qual “explica como a estrutura linguística de uma comunidade de fala se transforma no curso do tempo” (COELHO *et al.*, 2015, p. 76). Reconhece-se, além disso, que as variações não são resultado somente de fenômenos de natureza linguística, sendo “atravessadas por fatores sociais” (COELHO *et al.*, 2015, p. 79) em que estão atrelados aspectos como: grupo socioeconômico, faixa etária, sexo/gênero, escolaridade, etnia etc. Somado a isso, a dimensão espacial está associada diretamente ao estabelecimento de *status* e “validação” de uma variedade linguística sobre outra, o que muitas vezes é resultado de preconceito. Compreendendo o valor de tal discussão para o trabalho com a variação linguística, dedicamos o tópico seguinte ao maior aprofundamento dessas questões.

- A variação linguística

Sabemos que as alternativas de usos de fala/dialetos oferecem “um leque de possibilidades para se expressar” (COELHO *et al.*, 2015, p. 92). Isso implica, no entanto, uma consequência: cabe aos indivíduos usá-las “de acordo com sua significação social, com o contexto e com as características do interlocutor” (COELHO *et al.*, 2015, p. 92). Esse pressuposto foi considerado ao longo de todas as atividades do projeto de extensão que deu origem a essa pesquisa, visto que

entendemos a necessidade de apresentarmos as variações linguísticas a partir dos contextos de produção e de recepção.

Nessa perspectiva, constatamos que o ensino opera na intenção de estender a “mobilidade sociolingüística do falante (garantir-lhe um trânsito amplo e autônomo pela heterogeneidade lingüística em que vive) e não se concentrar apenas no estudo de um objeto autônomo e despregado das práticas sócio-verbais (o estrutural em si)” (FARACO, 2008, p. 167). Diante disso, confirma-se a relevância de compreendermos os diferentes tipos de influências sobre a língua, responsáveis por configurar a classificação em: variação regional, geográfica ou diatópica; variação social ou diastrática; variação estilística ou diafásica; e variação na fala e na escrita ou diamésica (COELHO *et al.*, 2015, p. 37). Assim, dotados dos conceitos teóricos de variação, devemos pensar em estratégias de ensino que abordem tais assuntos de forma a fazer sentido para os alunos.

Com respeito a essas tipologias de variação, podemos considerar questões extralingüísticas e como elas podem atuar no falante e no seu meio. Uma informação de suma importância é a origem de uma pessoa, pois há marcas que se referem à fala de uma região ou de um ambiente social. Sobre isso, pensar as possíveis variações de “itens lexicais particulares, certos padrões entoacionais e certos traços fonológicos” (COELHO *et al.*, 2015, p. 38) como elementos que ilustram essas variáveis foi um fator abordado na proposta – tratando-se da variação diatópica.

As características sociais, por sua vez, são englobadas pela variação diastrática, estando relacionada com os fatores mencionados anteriormente: o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, a idade e o sexo/gênero. Pesquisas indicam que a ocorrência da norma culta cresce conforme aumenta o tempo de escolarização dos sujeitos, como também acontece com os grupos mais privilegiados, que optam pela forma padrão da língua (COELHO *et al.*, 2015, p. 41). Muitas das vezes, ainda, esta se torna símbolo de status, sobretudo quando associada à classe social (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 71), o que pode passar despercebido cotidianamente, mas que impacta fortemente as relações sociais, acarretando em crenças inadequadas sobre a própria variedade linguística do falante ou a dos demais. Essas crenças podem gerar atitudes linguísticas que desvalorizam os falantes que mais se distanciam da norma culta. Portanto, é importante fomentar um ensino pautado em uma perspectiva que valorize as variedades linguísticas, sejam elas quais forem, sem estabelecer hierarquias ou preconceitos.

Já a variação diafásica é consequência “dos diferentes papéis sociais que desempenhamos nas diferentes situações comunicativas” (COELHO *et al.*, 2015, p. 46). Conhecendo a importância do ensino de Língua Portuguesa na adequação do vocabulário aos contextos comunicacionais, evidenciamos a motivação desse estudo em sala de aula. Inclusive, essa noção é levantada por Irlandé Antunes (2009), que aponta serem os gêneros textuais “um campo privilegiado para o entendimento funcional de variação linguística” (ANTUNES, 2009, p. 208).

Essa relevância também é justificada por Schneuwly e Dolz (2004), os quais discorrem que o domínio sobre essa temática permite ao aluno “escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 83). Desse modo, o indivíduo desenvolve a capacidade de adequar seu discurso a situações formais e informais, transitando entre a linguagem monitorada e a coloquial, ou seja, domina várias “línguas” (variedades linguísticas) dentro de uma mesma língua. A partir disso, também devemos garantir que produções textuais não se restrinjam “a textos artificiais, pré-moldados, que não participam de um circuito vivo de comunicação” (Faraco, 2008, p. 178). Essa conjuntura permite que a prática docente combine os conteúdos programáticos aos efetivos eventos comunicativos, demonstrando a funcionalidade das atividades realizadas.

O mesmo reflexo pode ser observado entre os termos utilizados na escrita e na fala. Se é claro que existem “os orais” e não “o oral”, também é claro que existem “os escritos”. Assim,

sinalizamos a importância de observarmos o reflexo da variação linguística na escrita, a qual se adapta às solicitações interacionais da mesma forma que a fala. Essas descrições revelam que os indivíduos variam de forma sistemática suas expressões, tomando como “baliza não um padrão absoluto de correção, mas critérios de adequação às circunstâncias” (FARACO, 2008, p. 167). Essa ideia deve acompanhar os debates sobre a variação, a fim de expor aos estudantes a identidade da língua — a qual comporta elementos extralinguísticos, produto do meio social em que se propaga. Reconhecendo também que essa diversidade constitui um patrimônio histórico e cultural, “um bem de que temos de nos orgulhar e não de nos envergonhar” (FARACO, 2008, p. 180), convém salientar a recorrência do preconceito que, por vezes, acompanha as variações listadas acima.

- Preconceito linguístico

No tópico anterior, elencamos algumas questões básicas abordadas nos estudos sociolinguísticos. Um dos problemas atuais que precisam de atenção é a intolerância e o preconceito linguístico: em algumas situações, por exemplo, identificamos a figuração negativa vinculada às pessoas de uma determinada região, como a representação do “caipira ignorante”, o “nordestino” ou de um falante com pouca escolarização, fazendo com que as características da fala do indivíduo sejam “estereotipadas”. Ainda, o estudo sobre a língua costuma vir acompanhado pelas ideias de “certo” e “errado”, tornando-se comum que o português não-padrão seja desprestigiado e se configure como “alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão” (Bagno, 2007, p. 16).

Sob uma imposição prescritivista de manutenção da gramática normativa, a variação é inaceitável para a ideologia da língua homogênea, tratando-se de um mal a ser combatido pelo padrão absoluto de correção (FARACO, 2008, p. 167). Sabemos, no entanto, que a língua deve ser concebida na contramão desse entendimento, pois cada variedade linguística vem acompanhada de sua “gramática específica, coerente, lógica e funcional” (BAGNO, 2007, p. 16), referindo-se a questões que precisam ser melhor exploradas em sala de aula, pois devemos salientar que há diferentes maneiras de falar, totalmente aptas e válidas.

Uma maneira de ampliarmos as discussões sobre o assunto parte das desmistificações propostas por Bagno (2007), pelas quais compreendemos que a Língua Portuguesa não é homogênea linguisticamente; que as pessoas sem instrução não falam errado, tratando-se de um pensamento que reside na marginalização e na exclusão; e que existem diferenças entre a fala e a escrita, fator que desqualifica a frase “o certo é falar assim porque se escreve assim” (Bagno, 2007, p. 48). Outra ideia que merece destaque se refere à restrição da Língua Portuguesa à gramática: “É preciso saber gramática para escrever e falar bem” (Bagno, 2007, p. 57). Essa noção sugere ainda mais um mito: “Português é muito difícil” — discurso que frequentemente é apresentado ao professor. Isso acontece quando tentamos repassar aos alunos regras e normas que não se inserem no “uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa no Brasil” (Bagno, 2007, p. 33).

Diante disso, verificamos a necessidade de os docentes perceberem que dedicar tempo a regências ou colocações inusitadas de orações se mostra inútil, porque “a maioria dos que as estudam não aprende tais formas, ou, pelo menos, não as usa” (POSSENTI, 1996, p. 37). Podemos afirmar, a partir disso, que a linguagem padrão é apenas mais uma das variedades da Língua Portuguesa:

Como o dialeto padrão é apenas uma das variedades de uma língua, as gramáticas normativas dão conta apenas de um subconjunto dos fatos de uma língua. Não é surpresa que,

em consequência dos privilégios que sempre recebeu por parte de escritores e gramáticos, e por causa de sua veemente e cara defesa, feita às vezes às custas da crítica a outras formas, essa variedade nos pareça “melhor”, mais versátil e menos rude; entretanto, essa impressão não justifica a crença preconceituosa, infelizmente muito difundida na nossa sociedade, de que outras variedades são linguisticamente inferiores, erradas e incapazes de expressar o pensamento (Possenti, 1996, p. 77).

Assim, embora seja notório que a origem do preconceito está na sociedade e não nas escolas — que somente o reproduz —, é por meio da educação “que se pode conseguir (ao menos, tentar) fazer algo para amenizá-lo” (Laperuta-Martins, 2014, p. 119). Desta forma, reconhecemos a importância de apresentarmos as variedades cultas aos estudantes, mas essas discussões devem ser articuladas com “indicadores de estratificação social ou etnicidade e/ou marcadores de variação estilística” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 68), de maneira a dar vez e voz a diferentes variedades linguísticas e não apenas àquela que se encontra validada na norma culta.

RESULTADOS

É evidente que a língua é suscetível às práticas de uso e, por isso, “é passível de variação e de mudança” (Santos; Melo, 2019, p. 116). Por meio disso, reiteramos que a escola se qualifica “como uma instituição responsável por promover reflexões sobre a dinamicidade da língua, bem como fomentar atividades que possibilitem ao discente o contato com as variedades linguísticas” (Santos; Melo, 2019, p. 117). Partindo dessa constatação e do referencial teórico proposto, desenvolvemos três oficinas ao longo do projeto de extensão, as quais foram ministradas para alunos do 4º ano do Ensino Fundamental na Escola Projeto 21. Adiante, discutimos cada uma dessas atividades.

- Variações linguísticas no português brasileiro: fatores extralinguísticos

Entendendo ser essencial adotar práticas alternativas para o ensino da linguagem, a primeira oficina foi elaborada com o objetivo de esclarecer a influência do contexto sobre o enunciado. Com base nisso, os acadêmicos organizaram o planejamento em dois principais momentos. A princípio, houve a apresentação da temática por meio de vídeos selecionados (via *youtube*) com distintas variedades do português brasileiro, a fim de propiciar um debate inicial sobre o caráter polissêmico da língua.

Figura 1 – Fatores extralinguísticos



Fonte: A AUTORA, 2022.

Na segunda parte, o foco metodológico foi de demonstrar que os discursos não se adequam somente às diferenças regionais, mas também dependem “do meio social ou da situação sociocultural em que a atividade verbal ocorre” (Antunes, 2009, p. 207). Objetivando essa compreensão, rodas de conversas foram organizadas para que as crianças relatassem quais palavras costumavam utilizar em cada situação comunicativa. Tendo isso em mente, os regentes dividiram os alunos em grupos, solicitando que escrevessem vocabulários que empregavam nas redes sociais, nos *videogames*, no colégio, em suas casas etc.

Figura 2 – Oficina sobre fatores extralinguísticos



Fonte: A AUTORA, 2022.

A seguir, também dispomos um quadro com os termos registrados pelos estudantes do Ensino Fundamental:

Quadro 1 – Palavras escritas pelos alunos na atividade solicitada

Grupos	Palavras mencionadas pelos alunos
Grupo 1	Mermão; rapaziada; criatura; véi; daora; tu tem; cumê; é memo; é mermo.
Grupo 2	O pai tá on; receba; piá; mano; pega esse trem.
Grupo 3	GG; trollar; salve; bug; OMG; BO; look; top; make; vina; salsicha; mano; muié; meu fio (a); perdemo.
Grupo 4	GG; receba; oxê.

Fonte: A AUTORA, 2022.

Percebemos, nas expressões citadas, que os discentes apontaram todas as variações propostas por Coelho *et al.* (2015). Podemos listar as diatópicas por meio de “tu”, “piá”, “mano”, “trem”, “vina”, “salsicha”, “oxê”; as diastráticas com “mermão”, “rapaziada”, “véi”, “daora”, “cumê”, “é memo”, “é mermo”, “muié”, “salve”; as diafásicas através de “o pai tá on”, “receba”, “GG”, “trollar”, “bug”, “OMG”, “BO”, “look”, “top”, “make”; além das diamésicas que podem ser observadas em palavras como “perdemo” e “meu fio” ou “minha fia”. A partir das respostas, foram feitos comentários acerca de algumas palavras de forma a ressaltar o tipo de variação linguística implicado, ou seja, variação regional, etária, social ou questões de formalidade.

Vale comentar que apresentamos a listagem do parágrafo acima a nível de exemplificação, mas compreendemos que as variantes não se enquadram em classificações específicas, já que

os fatores extralinguísticos atuam em conjunto sobre a língua: em “é mermo”, por exemplo, temos possíveis reflexos de região, grupo socioeconômico, escolaridade, situação comunicativa e variação de fala. Sendo estas questões também levantadas durante o encaminhamento da oficina, intentando explicitar de que maneira a língua é atravessada pelos contextos de produção e de recepção.

Além disso, tendo em vista que algumas das palavras não eram de conhecimento dos acadêmicos que ministravam a oficina, as crianças foram convidadas a expor o significado dos vocábulos ao restante da turma. Muitas das anotações se referiam a termos da internet: “GG” significa “bom jogo”, enquanto que “receba” substitui “tome”. Como resultado dessa conversa final, os estudantes puderam perceber que o meio em que vivem influenciam suas linguagens, inclusive sendo possível que termos sejam desconhecidos entre grupos distintos, mesmo parecendo “óbvio” e usual para eles no seu cotidiano. A partir dessa aula, portanto, abordamos o fenômeno da variação linguística “em suas diferentes dimensões (regional, histórica, social, situacional, ocupacional, etária etc.), de forma a ampliar a compreensão sobre a natureza viva e dinâmica da língua” (BRASIL, 2018, p. 508).

- Variação linguística em diferentes níveis: fonética e fonologia

Na oficina anterior, pudemos perceber uma preocupação com os fatores extralinguísticos que atuam sobre a língua. O segundo grupo, porém, destacou o fenômeno da pluralidade linguística a partir de seus “níveis (variação fonético-fonológica, lexical, sintática, semântica e estilístico-pragmática)” (BRASIL, 2018, p. 508) — também inseridos nas habilidades propostas pela BNCC. Cabe salientar, dentre elas, o trabalho com a prosódia, o qual foi somado ao propósito de despertar a curiosidade sobre o conhecimento científico e a pesquisa.

Partindo dessas finalidades, os acadêmicos promoveram uma atividade lúdica que visava apresentar a história da fonética aos alunos, relatando seus desdobramentos através de um *storytelling*. O grupo organizou um conjunto de *slides*¹ sobre a linguística, descrevendo-a como uma ciência e explicando as relações entre os sons e as palavras. Por meio disso, as crianças conheceram as tabelas internacionais de fonemas, direcionando o entendimento de que todos os sons são executáveis e que, inclusive, podem ser representados por símbolos. Além desse panorama geral, as discussões sobre a fonética foram acompanhadas pela tentativa de desconstruir o estigma que determinados sons têm na sociedade, como os diferentes sotaques, trazendo à tona reflexões sobre “variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca” (BRASIL, 2018, p. 83). Na figura a seguir, o leitor pode observar uma das partes da prática docente aqui referenciada:

Figura 3 – Oficina sobre fonética e fonologia



¹ Os slides estão disponíveis no seguinte endereço eletrônico: <https://www.canva.com/design/DAFAD1deM5g/D5PzqhnnVwoPTIewIKT3Eg/view?utm_content=DAFAD1deM5g&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton>.

Fonte: A AUTORA, 2022.

No segundo momento da oficina, os estudantes imergiram na experiência de um linguista, já que pudemos observar uma aproximação do Ensino Fundamental I de temáticas que costumam ser exploradas na universidade. Isso porque o encerramento da aula foi ocupado pela análise de uma música regional: “Asa branca”, de Luiz Gonzaga (1947). Nela, foi possível perceber diferentes realizações fonéticas concernentes à letra *s*, de forma a explicitar que a prosódia é passível de mudanças de acordo com letras e palavras próximas, podendo ser mais ou menos sonorizado por apropriação do som adjacente.

Com base nisso, os alunos puderam ter mais conhecimento acerca dos sons, variáveis na língua, e a maneira que estes podem ser grafados por meio de uma explicação condizente à idade – tendo em vista que os conteúdos foram apresentados de modo adequado à faixa etária, mesmo que objetivassem o maior protagonismo dos alunos no método científico. Assim, os discentes tiveram acesso às diferentes realizações de sons da Língua Portuguesa e foram capazes de identificar as formas fonéticas que apareciam na letra. Portanto, temos aqui um planejamento que visou sistematizar informações sobre variações no âmbito da pronúncia (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 79).

- Jogo de tabuleiro sobre variação linguística

Sabendo que, nas oficinas descritas anteriormente, a influência dos fatores externos e internos na língua foram discutidos, a terceira oficina teve como premissa a avaliação sobre os conhecimentos adquiridos, fazendo-o de forma mais lúdica. Para isso, foi organizado um jogo de tabuleiro, cujos peões eram os próprios estudantes. Os alunos tinham que responder às seguintes perguntas para avançarem as casas:

Quadro 2 – Perguntas e respostas

1. O que é preconceito linguístico?
2. O que é variação linguística?
3. Qual a diferença entre preconceito linguístico e variação linguística?
4. Por que é errado dizer que uma pessoa que não estudou fala errado?
5. Cite duas variações regionais do Paraná.
6. Por que muitas pessoas dizem que “tauba” é errado?
7. O que devemos fazer quando uma pessoa diz algo que não seja da forma culta?
8. A linguagem formal é a única que devemos usar? Por quê?
9. O que é sotaque?
10. Fale dois exemplos de variação linguística
11. O Brasil é o único país que tem variação linguística?
12. As marcas linguísticas: “bicicreta” e “problema”, indicam que tipo de variação?
13. Cante uma música que tenha variação linguística.

Fonte: Mayra Cristina do Nascimento, 2022.

Quanto ao encaminhamento da atividade, a turma foi dividida em grupos de três integrantes. Em seguida, as crianças revezavam a entrada no tabuleiro, lançando um dado — numerado (colorido) de um a três — e também recebendo uma tarefa relacionada à variação linguística. Depois de discutir a resposta correta com o restante do grupo, o aluno poderia voltar ao tabuleiro para

resolver o problema proposto. Caso acertasse, avançava as casas de acordo com o número do dado. Nem todas as crianças se mantinham no campo: cada indivíduo, ao lançar o dado, assumia a posição do aluno anterior, aguardando juntos as próximas jogadas.

O que nos chamou a atenção foi a colaboração entre os estudantes, pois mesmo em uma situação de competição os grupos se ajudavam para encontrarem uma resposta e, assim, avançarem no jogo. Todos tinham a oportunidade de participar, seja passando de uma casa a outra no tabuleiro, como de trazer uma resposta como porta-voz da equipe. Desta forma, a logística da atividade fez com que todos se empenhassem em resolver os problemas propostos, demonstrando que adequar o tipo de atividade ao público envolvido mostra-se providencial para o engajamento e produtividade do ensino. Vale salientar que, para o desenvolvimento da brincadeira, a disposição do circuito foi elaborada por meio de bambolês:

Figura 4 – Jogo dos peões



Fonte: A AUTORA, 2022.

As atividades também variaram durante a oficina, contemplando: jogo da memória, jogos de perguntas e respostas, caça-palavras e preenchimento de colunas. A primeira foi elaborada pelos alunos de Letras com palavras escritas corretamente e incorretamente, de acordo com a gramática normativa. A proposta está apresentada a seguir:

Figura 5 – Jogo da memória

VRIDO	BASSORA	PÍRULA	IOGURTE	SOMBRAN- CELA	PLACA	CÉREBRO	CABELE- REIRO	UMBIGO	TRAVESSEI- -RO
VIDRO	VASSORA	PÍLULA	MORTANDELA	SOBRAN- CELHA	PROBLE- MA	CÉLEBRO	TÁBUA	UMBIGO	PATRILE- RA
RESISTRO	REGISTRO	IOGURTE	MORTANDELA	PRACA	POBLE- MA	CABELE- LEIRO	TÁUBA	TRABISSE- RO	PRATELEI- -RA

Fonte: Mayra Cristina do Nascimento, 2022.

A cada jogada, ao ser virada uma carta, era preciso dizer em voz alta a palavra e buscar seu correspondente. Durante a leitura, os alunos mencionavam um exemplo de uso ou podiam compartilhar se já haviam ouvido a variante em questão. O caça-palavras, por sua vez, envolveu termos utilizados em diversas regiões do país, como as variações que nomeiam a fruta “tangerina”, “bergamota”, “mexericá” ou “ponkan”. A partir disso, puderam perceber as diferenças entre vocabulários dialetais.

Figura 6 – Caça-palavras

Quando falamos em variação linguística, analisamos os diferentes modos em que é possível expressar-se em uma língua, levando-se em conta a escolha de palavras, a construção do enunciado e até o tom da fala. A língua é a nossa expressão básica, e, por isso, ela muda de acordo com a cultura, a região, a época, o contexto, as experiências e as necessidades do indivíduo e do grupo que se expressa.

Por exemplo, *bergamota, tangerina, laranja cravo, ponkan, mimosa, mexerica* são referentes à mesma fruta.

A	F	F	A	I	S	N	O	S	I	M	E	X	E	R	I	C	A
M	A	L	K	A	B	I	T	F	A	L	A	N	A	T	N	A	P
S	G	M	O	I	E	P	C	S	N	I	P	L	M	P	N	O	I
O	M	A	G	R	R	H	F	U	X	T	S	A	P	T	T	L	A
E	G	M	A	I	G	N	P	K	C	O	P	O	O	P	T	I	M
I	B	O	I	U	A	S	O	F	E	A	R	A	S	H	C	T	G
S	A	U	N	M	M	T	T	T	N	A	K	N	O	P	Z	O	N
T	I	H	I	T	O	O	I	A	R	N	S	J	U	I	P	R	A
A	C	I	T	N	T	S	T	A	A	T	A	M	U	L	D	N	F
L	G	K	A	Z	A	H	A	P	D	M	C	L	P	J	I	X	U
S	A	S	A	I	A	S	I	I	O	X	A	A	T	R	T	E	A
T	I	S	C	O	I	F	L	O	R	E	S	Z	E	A	P	A	E
A	T	M	S	P	Z	O	S	P	O	O	S	G	O	I	F	O	M
O	C	A	A	D	M	A	K	A	Z	I	N	Z	O	N	C	I	D
R	O	A	M	A	P	A	I	A	T	A	T	S	I	T	I	Z	G
A	T	E	S	A	M	S	M	O	T	Z	O	P	C	F	O	C	F
N	L	A	R	A	N	J	A	C	R	A	V	O	I	S	M	L	A

Fonte: Mayra Cristina do Nascimento, 2022.

E, por fim, assim que foi terminada a corrida dos peões, todos precisaram pensar em possibilidades de conceitos para preencher as lacunas abaixo, tratando-se de expressões que remetiam à teoria discutida em momentos anteriores.

Quadro 3 – Preenchimento de lacunas

1. A _____ possibilita a comunicação.
2. Quando falamos de maneira formal, estamos usando a língua _____.
3. Quando discriminamos a forma de uma pessoa falar, estamos praticando _____.
4. Quando utilizamos várias palavras que remetem ao mesmo objeto nós temos a _____ linguística.

Fonte: Mayra Cristina do Nascimento, 2022.

Nessas atividades, pretendemos retomar assuntos referentes à sociolinguística, visando depreender de que maneira os alunos adquiriram noções sobre a heterogeneidade da língua. Por meio do jogo de tabuleiro, portanto, tornou-se possível recuperar conceitos e ideias abordadas nas aulas precedentes: os estudantes confirmaram o domínio sobre a aplicação prática da variação linguística, distinguindo palavras grafadas ou faladas que correspondiam a um uso informal ou a uma variedade linguística mais popular.

Como resultado das oficinas propostas, buscamos salientar que “não existe língua para além ou acima do conjunto das suas variedades constitutivas, nem existe a língua de um lado e as variedades de outro” (FARACO; ZILLES, 2007, p. 30). Em outras palavras, as oficinas contemplaram “as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico” (BRASIL, 2018, p. 161), de maneira que os alunos adquirissem conceitos de variação linguística e refletissem sobre eles, assim como sobre suas atitudes linguísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos as principais atividades promovidas pelo projeto de extensão “Linguística em sociedade: a pedagogia da variação linguística como alicerce à educação de qualidade” (2022), amparado pela UTFPR. Foi possível colocar em prática assuntos da academia, demonstrando a valoração do exercício da universidade pública nas práticas sociais. Isso pode ser observado na dimensão dos benefícios do programa, contemplando acadêmicos de Letras, assim como estudantes e servidores da Escola Projeto 21.

Devemos salientar ainda o respaldo à pesquisa, visto que pudemos visualizar de que maneira a variação linguística pode ser aplicada em sala de aula, de forma a reconhecer as diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas que circundam o português brasileiro (BRASIL, 2018, p. 83). Além de explicitar as relações entre língua e sociedade, questionando criticamente a disposição das variedades estigmatizadas e prestigiadas em polos opostos (BRASIL, 2018, p. 83). Reiteramos, desse modo, a importância de os planejamentos metodológicos reconhecerem a verdadeira pluralidade linguística de nosso país, a fim de aproximar a escola da realidade do alunado.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, M. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO, S. M. et al. (Orgs.). **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2020.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Português brasileiro, a língua que falamos**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- COELHO, I. L. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COLÉGIO LOGOSÓFICO. Brincadeira de marmoto trabalha a lateralidade nos alunos no infantil 5., 2016. Disponível em: <<https://www.colegiologosofico.com.br/noticias/24816/brincadeira-de-marmoto-trabalha-alateralidade-nos-alunos-do-infantil-5>>. Acesso em: 1 nov. 2022.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FARACO, C. A.; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer Norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.
- FARACO, C. A. Pedagogia da Variação Linguística: Desafios e Paradoxos. In: BRANDÃO-SILVA, F.; ROMUALDO, E. C.; PEREIRA, H. B. [Orgs.] **Da Variação Linguística à “Pedagogia da Variação”**: descrição e ensino de português. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 248p.
- LAPERUTA-MARTINS, M. Preconceito linguístico e sua conscientização: o papel da escola. **Revista Textura**, Canoas, v.16, n.31, p. 115-124, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/txra/issue/view/112>. Acesso em: 16 out. 2022.

POSSENTI, S. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

SANTOS, A. S.; MELO, R. M. de. O ensino da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 115-132, set-dez/2019. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1654>. Acesso em: 31 out. 2022.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J.. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. ROJO, R.; CORDEIRO, G. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo, Cortez, 1992.

ZILLES, A. M. S.; FARACO, C. A. (Org.). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

Data de recebimento: 22/02/24

Data de aceite para publicação: 22/05/24